

A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA

LITERATURE AS A TOOL FOR PHYSICAL GEOGRAPHY TEACHING

LA LITERATURA COMO HERRAMIENTA PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA FÍSICA

GABRIELA KLERING DIAS¹
LIZ CRISTIANE DIAS²

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Rua Carlos Gomes, 250 - CEP: 13083-855 - Campinas (SP), Brasil, Tel.: (+55 19) 3521.4653 - gabikdias@hotmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-0325-030X?lang=en>

² Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Rua Alberto Rosa, 154 - CEP: 96010-770 - Pelotas (RS), Brasil, Tel.: (+55 53) 3284.5528 - lizcdias@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0003-3557-4867>

Histórico do Artigo:

Recebido em 22 de Julho de 2019.

Aceito em 28 de Agosto de 2019.

RESUMO

Este trabalho propõe discutir a relação entre Geografia Física e a linguagem da Literatura como proposta de prática pedagógica para o Ensino Fundamental a partir da obra literária Viagem ao centro da Terra, do autor francês Júlio Verne. O artigo tem como objetivos propor uma prática pedagógica atrelada ao ensino de Geografia Física e Literatura proposta para o Ensino Fundamental bem como demonstrar a necessidade da utilização de linguagens para o ensino mais crítico e realista da Geografia Física na educação básica. Como resultados encontrados, a Geografia está presente em diversos aspectos da obra em questão e pode ser utilizada de diversas formas, através de uma história fictícia onde com a imaginação aspectos da Geografia são evidenciados. O trabalho demonstrou a importância das linguagens no ensino de Geografia e da necessidade de ampliação da utilização das mesmas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia Física. Literatura. Geografia Física. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This work proposes to discuss the relationship between Physical Geography and the language of Literature as a proposal of pedagogical practice for Elementary School from the literary work Journey to the Center of the Earth by the French author Júlio Verne. The article aims to propose a pedagogical practice linked to the teaching of Physical Geography and Literature proposed for Elementary School as well as demonstrate the need to use languages for the most critical and realistic teaching of Physical Geography in basic education. As results found, Geography is present in several aspects of the work in question and can be used in a variety of ways, through a fictitious history where with the imaginative aspects of Geography are evidenced. The work demonstrated the importance of languages in the teaching of Geography and the need to expand their use.

Keywords: Teaching Physical Geography. Literature. Physical Geography. Pedagogical Practice.

RESUMEN

Este trabajo propone discutir la relación entre la geografía física y el lenguaje de la literatura como una propuesta de práctica pedagógica para la escuela primaria desde el trabajo literario Viaje al centro de la Tierra por el autor francés Júlio Verne. El artículo pretende proponer una práctica pedagógica relacionada con la enseñanza de la geografía física y la literatura propuesta para la escuela primaria, así como demostrar la necesidad de utilizar idiomas para la enseñanza más crítica y realista de la geografía física en la educación básica. Como resultado, la Geografía está presente en varios aspectos del trabajo en cuestión y puede usarse de diversas maneras, a través de una historia ficticia donde se evidencian los aspectos imaginativos de la Geografía. El trabajo demostró la importancia de los idiomas en la enseñanza de la geografía y la necesidad de extender su uso.

Palabras clave: Enseñanza de la geografía física. La literatura Geografía física. La práctica pedagógica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a discutir a relação entre Geografia Física e a linguagem literária como proposta de prática pedagógica para o Ensino Fundamental no ensino de Geografia, focando em algumas temáticas.

Através da inserção da Geografia Física como temática de abordagem em uma pesquisa científica, de modo a mostrar como essas duas temáticas podem ser trabalhadas em conjunto, possibilitando assim um conhecimento mais significativo aos alunos da educação básica.

O presente trabalho justifica-se na medida em que cresce a discussão da importância de se construir metodologias e práticas pedagógicas que abordem as temáticas físicas e ambientais da Geografia na educação básica, tendo como exemplo pesquisas focadas no ensino do conteúdo “Relevo”, no qual aborda que:

[...] o ensino do relevo se encontra numa inadequação cognitiva e, acredita-se, que a não concretização de aprendizagens a partir do vivido acaba comprometendo a complexificação conceitual, o trabalho com base na abstração reflexiva demandado nos anos subsequentes do ensino (ASCENÇÃO, 2016, p. 203).

Sair da abstração de conceitos como o de relevo e poder proporcionar aprendizados que potencializem o espaço em que os sujeitos vivem é não somente motivador ao aluno que está na escola como também necessário, para assim desmistificar o caráter “abstrato” de alguns conteúdos.

Portanto, utilizar da Literatura, que, mesmo de forma indireta, é uma linguagem presente na vida dos seres humanos – assim como a música, fotografia, charges, pinturas, teatro, etc. – propicia não somente um aprendizado mais integralizado, como também uma motivação para a utilização dessa linguagem pelos sujeitos.

Tendo em vista a importância de linguagens na educação como instrumentos de acesso à cultura e diferentes saberes, Freire (1984) aponta a necessidade da educação, atrelada às diversas linguagens culturais, como uma forma de liberdade e emancipação dos sujeitos, visto que:

[...] a educação ou ação cultural para a libertação; em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciência ‘intencionada’ ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente. (FREIRE, 1984, p. 99)

Sendo assim, é significativo e significante trabalhar em sala de aula, possibilitando dinamizar, de forma sucinta e criativa, atividades que englobem diversos formatos de linguagem. No nosso caso, através da prática pedagógica proposta a partir da Literatura.

Para Souza (2013, p. 35-36), a pesquisa sócio-espacial contribui indo além de uma perspectiva fechada e sem estabelecer algumas relações, pois

Se disséssemos que o espaço social (e, por tabela, o espaço geográfico, em geral) corresponde, sem maiores discussões, à superfície terrestre, haveria sempre a possibilidade de se reduzir o espaço à sua expressão material (crosta terrestre e matéria bruta, além das matérias-primas transformadas pelo trabalho em bens móveis ou imóveis). Todavia verificamos, com a ajuda da ideia de território, que a materialidade não esgota o espaço social, e que as próprias relações sociais são, em determinadas circunstâncias ou a partir de uma determinada perspectiva, espaço – mesmo que, a rigor, uma certa distinção entre espaço e relações sociais continue útil e válida.

Ao realizar proposições como a do aprofundamento de pesquisas sócio-espaciais, o exercício de escala se torna constante e oportuno, visto que promove diferentes visões acerca de um mesmo espaço, constituído de diversas situações e conexões, que é o exercício principal da Geografia.

Utilizando da linguagem literária para o processo de ensino e aprendizagem da temática física da Geografia, bem como identificar as metodologias e práticas utilizadas nos artigos para, assim, classificar quais conteúdos e/ou temáticas ainda possuem demandas de projetos e oficinas voltadas aos conhecimentos da área da Geografia Física, pois, segundo Portugal (2018, p. 201), “a Geografia, por estar diretamente ligada ao cotidiano, possui várias formas de apropriação, tendo características geográficas em inúmeros gêneros literários, textuais e culturais”. Dessa forma, é uma linguagem de intensos diálogos com a ciência geográfica.

Como sugere Cavalcanti (2013), o conhecimento científico é fundamental para abstrair conceitos e ir além do empirismo, da descrição e da classificação, tendo suporte teórico para driblar os conteúdos impostos no currículo. No entanto, de tal modo como os currículos escolares, os currículos atuais da formação profissional docente nos revelam a ausência de metodologias que apontem ferramentas práticas para construção do conhecimento escolar, que superem os obstáculos do cotidiano da prática docente e posicionem o professor como sujeito do conhecimento para além de um mero reproduzidor/executor, como “um espaço de produção, de transformação e mobilização de saberes que lhe são próprios” (TARDIF, 2006, p. 237).

Como afirma Callai (2009): “aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor e de outros interlocutores), o seu conhecimento” (CALLAI, 2009, p. 12).

Dessa forma, “à medida que o aluno aprofunda sua capacidade de análise e compreensão, torna-se-lhe possível desenvolver um olhar mais crítico sobre o texto e exercitar sua capacidade de expressar-se por meio da criação de um texto que seja seu” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 219)

É compreendido que há dificuldades no processo de ensino e aprendizagem na escola em relação às temáticas físicas e ambientais presentes na ciência geográfica. Sendo assim, propor práticas pedagógicas que abranjam essas temáticas se torna essencial para transformar essa demanda por metodologias que foquem no ensino das temáticas, visto que é um ato normativo dentro da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a qual trata a respeito do incentivo e investimento obrigatório à docência.

Castellar (2017, p. 209) reitera que “a didática tem uma função importante no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes em geral”, sendo necessário que, também no caso do Ensino Médio, sejam aprimoradas as práticas de ensino. Além disso, é emergido a necessidade de apontar possibilidades e caminhos para criar ideias e difundi-las no campo da Geografia, tendo como temas as linguagens que permitem o acesso à diferentes temáticas.

Mas para tal, é importante que:

Um aluno de graduação bem formado, compreendendo o papel da didática e do valor dos conceitos e da linguagem cartográfica, tem condição de utilizar diferentes metodologias como parte do processo de ensino e aprendizagem, de transformar a sala de aula em ambiente agradável de aprendizagem [...] para motivar o aluno a compreender a espacialização dos processos e fenômenos geográficos. Não se trata de inventar métodos especiais e mirabolantes para ensinar geografia. Trata-se de pensar estratégias que sejam significativas para os estudantes [...] aprenderem a ler a realidade (CASTELLAR, 2017, p. 215).

Ademais, o presente trabalho tem como objetivos propor uma prática pedagógica atrelada ao ensino de Geografia Física e Literatura proposta para o nível do Ensino Fundamental bem como demonstrar a necessidade da utilização de linguagens para o ensino mais crítico e realista da Geografia Física na educação básica, visto que as pesquisas na área da formação de professores necessitam estar alicerçadas e constantemente desenvolvidas para haver um ensino de Geografia mais relacionado com a realidade do ser humano.

MATERIAIS E MÉTODOS

A Literatura escolhida para ser trabalhada na presente proposta é a obra do renomado escritor francês Júlio Verne¹ (*Jules Gabriel Verne*) “Viagem ao centro da Terra” (*Voyage au Centre de la Terre*), escrita em 1864, obra que faz parte dos clássicos do autor e que o levou à fama, onde conta uma história de aventura e ação que se passa no século XIX.

A escolha pela obra em questão, bem como pelo autor se deu por um apreço pessoal, assim como por sua intensa relação com a Geografia. Júlio Verne não era geógrafo, mas em suas obras destacava muito o papel dos geógrafos e organizadores do espaço geográfico e tinha muita clareza ao definir objetos e acontecimentos do espaço.

Além do livro, foi feita uma adaptação para o cinema através do filme com o mesmo título, produzido nos EUA pelo diretor Henry Levin, estreando em 1960. Em 2008, o filme foi regravado pelo diretor Eric Brevig.

A sinopse da história é a seguinte:

Numa pequena casa em um velho e tradicional bairro de Hamburgo, o jovem Axel, tímido e inseguro, trabalha com seu tio, o irascível professor Lidenbrock, geólogo, e sua discípula e eficiente Graüben. Em um velho manuscrito, Lidenbrock encontra um criptograma feito por Arne Saknussemm, célebre cientista islandês do século XVI, com a bombástica revelação de que, pela chaminé da cratera do extinto vulcão Sneffels, na Islândia, era possível penetrar até o centro da Terra e que ele – Saknussemm – havia comprovado este fato.

Lidenbrock se inflama e, excitadíssimo, parte rapidamente com Axel para a gelada Islândia onde, acompanhados pelo guia Hans, tão fleumático quanto seu padrão, se embrenham nas misteriosas profundezas do vulcão Sneffels. (VERNE, 2016).

Figura 1 – Capas do livro Viagem ao centro da Terra.



Fonte: Google Imagens.

Na obra, os personagens principais são o Professor Otto Lidenbrock, um geólogo e cientista alemão e Axel, seu sobrinho. Além deles, Hans tem um papel importante no livro, pois é o guia que acompanha Lidenbrock e Axel em sua jornada. Também Grauben, afilhada de Lidenbrock e amada de Axel, e Marthe, empregada da casa do professor, também participam ativamente da história.

¹ Jules Verne foi um escritor francês do século XIX. Atualmente, Jules Verne é um dos escritores cuja obra foi mais traduzida em toda a história, com traduções em 148 línguas, segundo estatísticas da UNESCO, tendo escrito mais de 100 livros.

A prática pedagógica proposta, com objetivo de ser realizada no Ensino Fundamental – Anos Finais pode ser aplicada do 6º ao 9º ano, visto que em todos esses anos é possível trabalhar com os conteúdos da Geografia Física atrelados a outros conceitos, como: espaço, paisagem, região, etc. de maneiras diversas, pois em cada ano terá uma abordagem e uma complexidade diferentes.

Por ser de difícil realização práticas que necessitem de muitos períodos de aula, foi pensado por elaborar uma proposta didática em que, com o formato de uma oficina, a qual pudesse ser aplicada em dois períodos letivos (cerca de 1 hora e 30 minutos), pudesse ser realizada, visto que, dessa maneira, torna-se possível a aplicação da mesma em mais de uma turma ou ano na escola e, com isso, a atividade movimentava os alunos.

Dessa forma, pretende-se disponibilizar uma sugestão de atividade para as aulas de Geografia do Ensino Fundamental que a partir de diversas temáticas possam ser utilizadas – e não somente a temática física da Geografia – para assim promover aulas de Geografia completas ao utilizar de linguagens como a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do livro *Viagem ao centro da Terra* de Júlio Verne foi realizada a partir da leitura do livro e fichamento do mesmo, visto que possui diversas informações que são estudadas pela ciência geográfica e podem ser utilizadas não somente nas aulas voltadas aos aspectos físicos como também para questões populacionais, sociais, econômicas e culturais.

Para Castellar, “acreditamos que o objetivo principal do professor é o de auxiliar o aluno a organizar seu pensamento e a formar o pensamento científico” (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 146). Desse modo, utilizar de estratégias metodológicas para o processo de ensino e aprendizagem promove uma integração de saberes.

Dessa forma, percebe-se que o ensino de temáticas físicas e ambientais por parte da Geografia é muito mais intrínseco do que se imagina, pois está em sua base como ciência o conhecimento de fenômenos naturais e sociais que, em congregação, formam o espaço geográfico, pois de acordo com Mendonça (2001, p. 115),

A abordagem geográfica do ambiente transcende à desgastada discussão da dicotomia geografia física *versus* geografia humana, pois concebe a unidade do conhecimento geográfico como resultante da interação entre os diferentes elementos e fatores que compõem seu objeto de estudo.

Em alguns trechos do livro, vocabulários como inclinação, encostas e erupção são relatados, propiciando aos alunos que pensem acerca dos significados dessas palavras para o entendimento do parágrafo.

Olhei para a planície. Uma imensa coluna de pedras-pomes pulverizadas, areia e poeira se erguia, rodopiando como um furacão. O vento a comprimia contra a encosta do Sneffels, onde estávamos agarrados. Aquela cortina opaca estendida diante do sol produzia uma grande sombra que se lançava sobre a montanha. Se aquele furacão se inclinasse, inevitavelmente nos envolveria no seu turbilhão. Aquele fenômeno, bastante frequente quando o vento sopra naquelas geleiras, se chama *mistour* na língua islandesa. (VERNE, 2016, p. 89).

Nessa parte do texto, ao personagem narrar a respeito de sua paisagem no momento – uma planície – esse conceito pode ser retomado em aula para a realidade local, como a Planície Costeira na qual Pelotas/RS faz parte. Em seguida, o personagem começa a narrar a formação de um furacão, outro importante acontecimento relacionado aos aspectos climáticos.

- Agora – disse meu tio –, chegou a hora da maré, não podemos perder a oportunidade de estudar esse fenômeno.
- O que, a maré?! – exclamei.

- Isso mesmo.
- A influência da Lua e do Sol se faz sentir até aqui?
- E por que não? Não estão os corpos, em seu conjunto, sujeitos à atração universal? Portanto, essa massa de água não pode furtar-se a essa lei geral. Por isso, apesar da pressão atmosférica exercida na sua superfície, você vai vê-la elevar-se como o próprio Atlântico.
- Nesse momento, pisávamos a areia, e as ondas voltavam, aos poucos, à praia.
- Olhe a onda começando – exclamei.
- Sim, Axel, e depois dessa espuma, você poderá ver que o mar se eleva cerca de três metros.

Ao longo do texto, a narrativa acerca da vegetação do local, bem como das dificuldades e desafios passados pelos personagens através dela é muito discutido, pois faz parte da paisagem e da jornada dos personagens ao interior da Terra, além também da pouca intensidade de sol, evidenciada na narrativa.

Além da muralha basáltica do fiorde do Stapi, havia, primeiro, um solo de carvão vegetal e fibroso, resíduo da antiga vegetação de pântanos da península; a massa desse combustível ainda inexplorado bastaria para aquecer toda a população da Irlanda durante um século; aquela vasta carvoaria, medida do fundo de certos barrancos, tinha muitas vezes vinte e três metros de altura e apresentava camadas sucessivas de detritos carbonizados, separadas por lâminas de calcário poroso. (VERNE, 2016, p. 85).

Além disso, retomar os conhecimentos a respeito das Fases da Lua e a influência que o Sol e a Lua possuem na natureza é importante, como mostra o seguinte trecho:

- Agora – disse meu tio –, chegou a hora da maré, não podemos perder a oportunidade de estudar esse fenômeno.
- O que, a maré?! – exclamei.
- Isso mesmo.
- A influência da Lua e do Sol se faz sentir até aqui?
- E por que não? Não estão os corpos, em seu conjunto, sujeitos à atração universal? Portanto, essa massa de água não pode furtar-se a essa lei geral. Por isso, apesar da pressão atmosférica exercida na sua superfície, você vai vê-la elevar-se como o próprio Atlântico.
- Nesse momento, pisávamos a areia, e as ondas voltavam, aos poucos, à praia.
- Olhe a onda começando – exclamei.
- Sim, Axel, e depois dessa espuma, você poderá ver que o mar se eleva cerca de três metros.
- É fantástico!
- Não, é natural.
- Não importa o que dia, meu tio, isso tudo me parece extraordinário, e custo a acreditar nos meus olhos. Quem poderia imaginar que debaixo da crosta terrestre há um verdadeiro oceano, com os seus fluxos e refluxos, com as suas brisas, com as suas tempestades?!
- Por que não? Há alguma razão física que se oponha a isso?
- Acho que nenhuma, já que é preciso abandonar o sistema do calor central.
- Então, até aqui a teoria de Davy se justifica?
- Evidentemente, e por isso nada contradiz a existência de mares ou de países dentro do globo. (VERNE, 2016, p. 159).

Após a análise do livro, bem como a escolha de alguns trechos a serem citados durante a Prática Pedagógica, foi elaborada uma Ficha de Leitura, para que, depois de ser feita a leitura em voz alta dos trechos por parte dos participantes da prática pedagógica, houvesse uma Ficha de Leitura que retomasse alguns conceitos e conteúdos vistos, bem como questionasse acerca do que os alunos pensavam e imaginavam.

As questões desenvolvidas foram as seguintes:

- 1) Você conhece o escritor Júlio Verne? Já ouviu falar sobre a história Viagem ao centro da Terra?
- 2) Para você, com o conteúdo aprendido sobre Relevo, qual é a relação dessa temática com a história apresentada?

- 3) Quais aspectos da Geografia Física você conseguiu identificar nos trechos citados?
- 4) Se você fosse hoje realizar uma expedição em direção ao interior da Terra, acha que seria possível? Por quê?
- 5) Você partiria de qual lugar e iria até onde, se fosse buscar o interior da Terra?
- 6) Quais instrumentos importantes você levaria em sua viagem?
- 7) Você pensa que é interessante utilizar a Literatura para aprender conteúdos?

A proposta é que, em alguma aula em que conteúdos da Geografia Física sejam abarcados, como por exemplo acerca da formação da Terra, atividades como essa possam ser realizadas, utilizando de questões que, através da imaginação e criatividade, promovam um ensino de Geografia mais integralizado.

Essas questões tiveram por objetivo saber a respeito do que os alunos participantes da atividade conseguem compreender da proposta e, além disso, de qual forma podem utilizar de sua imaginação e criatividade para, ao seu modo, continuar a história apresentada anteriormente.

Posterior a intervenção, é também possível que cada participante realize um mapa mental a partir do caminho que faria em busca ao interior da Terra, do lugar que sairia e de que forma chegaria ao centro. Dessa maneira, a proposta didática mostra de uma forma lúdica e dinâmica conteúdos da Geografia Física a partir da imaginação dos alunos, bem como da contação de histórias.

Pensar sobre vulcões e outros acontecimentos pode ser um pouco abstrato, mas se trabalhado de maneira desconstruída dos conteúdos, essa proposta pode ser muito interessante e motivar os alunos a buscar, através da leitura ou de outras linguagens, uma forma de aprender.

Nessa perspectiva, pode-se compreender que utilizar da Geografia como uma linguagem para o aperfeiçoamento do espaço geográfico também promove uma recontextualização do conhecimento. Assim, na teoria da recontextualização do conhecimento proposta por Bernstein (2003, p. 80),

Os campos oficiais de recontextualização são arenas para a construção, distribuição, reprodução e mudança de identidades pedagógicas. As identidades pedagógicas têm uma base social e uma carreira. A base social representa os princípios de ordem social e os desejos institucionalizados pelo Estado em seu sistema educacional. A carreira é moral, instruída e localizada. Uma identidade pedagógica, então, é a fixação de uma carreira em uma base social.

Assim sendo, é realizado mais do que somente um resultado de uma prática, mas também a mudança de um conhecimento, se recontextualizando em seu novo contexto de prática, sendo esse a escola e seus sujeitos formadores e transformadores do conhecimento.

Dessa mesma forma, Mainardes (2010, p. 13), diz que através da recontextualização “o discurso se desloca do seu contexto original de produção para outro contexto onde é modificado [...] e relacionado com outros discursos e depois é relocado”. Percebe-se, assim, que a prática proposta futuramente não só transforma como cria conhecimentos através das práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar.

As opções e formas de realizar atividades como a proposta são diversas, mostrando como as linguagens podem colaborar no ensino e, além disso, incentivar a leitura e escrita dos alunos na escola, como no caso da Literatura, além disso, os alunos conseguem compreender que a Geografia está em todo lugar, e não de forma abstrata e complexa, mas sim na realidade observada e vivida.

Visto isso, é necessário que haja essa relação e o entendimento da importância da universidade estar presente constantemente na escola e vice-versa, pesquisando e fazendo a troca de conhecimentos presentes tanto na universidade (conhecimento científico) quanto na escola (conhecimento escolar).

Concordando com Almeida: “No caso da Literatura, um de nossos enfoques, a mesma possui uma dimensão simbólica, sendo uma forma de representação do Espaço Geográfico por intermédio da escrita.” (ALMEIDA, 2018, p. 55).

A partir daí, entende-se que o presente trabalho tem como propósito intensificar e motivar pesquisas de cunho educacional que utilizem metodologias a partir do uso de diferentes linguagens, como a Literatura.

[...] a aprendizagem de conteúdos geográficos, tematizados na escola, pode ser mediada por diferentes linguagens, possibilitando entender/aprender, de diferentes modos a partir de diversos contextos, os temas tratados pela Geografia no cotidiano da sala de aula. (MEIRELES; PORTUGAL, 2012, p. 19).

De acordo com Zabala (2011, p. 29), “é preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau de formação de nossos alunos”. Dessa forma, desde a leitura em voz alta pelos alunos, o diálogo sobre questões da sociedade e o maior aprofundamento de determinados temas gera no aluno uma maior capacidade de refletir e dinamizar seu aprendizado na sala de aula.

Para Ferraz (2011, p. 24):

É o sentido dessa experiência existencial diversa que a leitura de obras artísticas, no caso aqui as de Literatura, deve visar, portanto, não se pode ter uma concepção fechada do que vem a ser geográfico a partir da presença de elementos físicos do meio definidos a priori, mas se abrir para os aspectos mais desafiadores na busca de localização e orientação que move o ser humano em cada situação tempo/espacial vivenciada.

Usar da Literatura como algo não “pronto” e fechado mostra que é possível haver novas interpretações a partir de um mesmo conceito, levando a novas reflexões.

Portanto, a Literatura, em diálogo com a Geografia, pode promover e potencializar conhecimentos que, separados, não proporcionalizariam um processo de aprendizagem por parte dos alunos de forma mais completa e em conjunção com a realidade. Utilizado dessa maneira, promove a curiosidade dos alunos em busca de novos conhecimentos para as aulas mas de uma forma lúdica.

CONCLUSÃO

A análise do livro *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne colaborou a respeito da relação entre Geografia e Literatura, pois trouxe elementos do espaço geográfico para uma obra literária que não tem a necessidade de estar alocada nos quesitos de conhecimento científico, ou seja, trabalhar a fantasia e a ficção científica, mas como também conceitos e conteúdos da Geografia promovem um incitamento no que tange as pesquisas de caráter interdisciplinar, como a presente proposta.

A elaboração da prática pedagógica denominada Ficha de Leitura – *Viagem ao centro da Terra* está disponível para todos e todas que quiserem, em suas aulas de Geografia, utilizar desse recurso didático para promover um ensino de Geografia mais integralizado com a realidade e as linguagens presentes atualmente.

Esse trabalho, de maneira simples, mostrou como é possível trabalhar Geografia Física a partir de uma obra literária, que não possui o teor científico mas se utiliza do espaço geográfico para a sua narrativa. Além da Literatura, utilizar de linguagens como a música, pintura, fotografia, poemas, charges e outros vários exemplos só demonstra como a Geografia está presente em todos os espaços, o necessário é ter uma visão que, através dos objetos do cotidiano, o olhar crítico da ciência geográfica tome forma.

Sendo assim, olhar para *Viagem ao centro da Terra* a partir de uma aula de Geografia pode motivar os alunos a lerem mais, como também a usarem de sua imaginação para

compreender os processos do relevo, os aspectos climáticos, de vegetação, entre outros todos que são perpassados pela ciência geográfica.

É fundamental, então, que haja um comprometimento para o ensino dessa abordagem de forma significativa e realista aos alunos para que, assim, possam compreender que esses fenômenos estudados fazem parte de seu cotidiano, podendo a Literatura contribuir muito para que essa relação de fato aconteça juntamente com a Geografia. Como indica Young (2014),

A educação preocupa-se, antes de mais nada, em capacitar as pessoas a adquirir conhecimento que as leve para além da experiência pessoal, e que elas provavelmente não poderiam adquirir se não fossem à escola ou à universidade. (YOUNG, 2014, p. 196).

Essa proposta didática pode interagir com diferentes áreas que, juntas, podem gerar resultados interessantes no processo de ensino e aprendizagem. Trabalhar de maneira interdisciplinar requisita de conhecimento sobre os temas e conteúdos como também da compreensão acerca das estratégias necessárias para uma aprendizagem mais significativa, que promova ao aluno motivação enquanto esteja em sala de aula.

A ciência geográfica precisa se utilizar do mundo atual e dinâmico para motivar os alunos a pensarem e construir seus espaços de maneiras inovadoras. Com isso, os jovens irão ter a sua percepção de cidadania, para assim, através da escola, poderem ser cidadãos que se preocupem com o espaço em que vivem e o modifiquem a partir de suas vivências.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandre Dalla Barba de. **(Re)Leituras Geográficas: Possibilidades pedagógicas para o aprender e ensinar Geografia utilizando a literatura de Júlio Verne enquanto linguagem auxiliar**. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio. Tendências contemporâneas na aplicação do conhecimento geomorfológico da Educação Básica: a Escala sob perspectiva. **Espaço Aberto**, PPGG-UFRJ, v. 6, n. 1, p. 191-208, 2016.

BERNSTEIN, Basil. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre a recontextualização. **Revista Cadernos de Pesquisa**, nº 120, p. 75-110, nov./2003.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Lei Nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Dispõe sobre a formação dos profissionais da educação e dá outras providências. Brasília: Presidência da República: 2013(b). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12796.htm> Acesso em 28 fev. 2018.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. ; CALLAI, H. C. ; KAERCHER, N. A. (Orgs). **Ensino de Geografia: práticas e Textualizações no cotidiano**. 7º ed. Porto Alegre: Meditação, 2009.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CASTELLAR, Sônia. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, nº 13, p. 207-232, jan./jun., 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2013.

DIAS, Gabriela Klering. Prática pedagógica para o ensino de Geografia Física a partir da Literatura: uma proposta metodológica para o Ensino Fundamental. 2018. 57 f. **Monografia (Licenciatura em Geografia)** – Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

FERRAZ, C. B. O. Literatura e Espaço: Aproximações possíveis entre arte e geografia. In: GOETTERT, J. D.; MARSCHNER, W. R (Orgs.). **Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

FREIRE, Paulo, **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 77p.

MAINARDES, J.; STREMEL, S. A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares. **Revista Telas**, v. 11, n. 22, p. 1-24, Mai/Ago 2010.

MEIRELES, Mariana Martins de; PORTUGAL, Jussara Fraga. Entre textos, imagens e canções: a “Cidade da Bahia” e suas geografias. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Orgs.). **Cartografia, Cinema, Literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 19-40.

MENDONÇA, Francisco de Assis. Geografia Socioambiental. **Revista Terra Livre**. São Paulo, nº 16, p. 113-132, 1º semestre/2001.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VERNE, Júlio. **Viagem ao centro da Terra**. Porto Alegre, L&PM, 2016.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Universidade Federal de Pelotas pela colaboração no projeto. A presente pesquisa foi financiada através de uma Bolsa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, durante o ano de 2018.